



# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

**FRANCISCO MARTINS DE GOUVEIA MORAIS SARMENTO.**

SAMPAIO, José da Cunha

Ano: 1900 | Número: 17a

---

## Como citar este documento:

SAMPAIO, José da Cunha, Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmiento. *Revista de Guimarães*, Volume especial, 1900, p. 1-13.

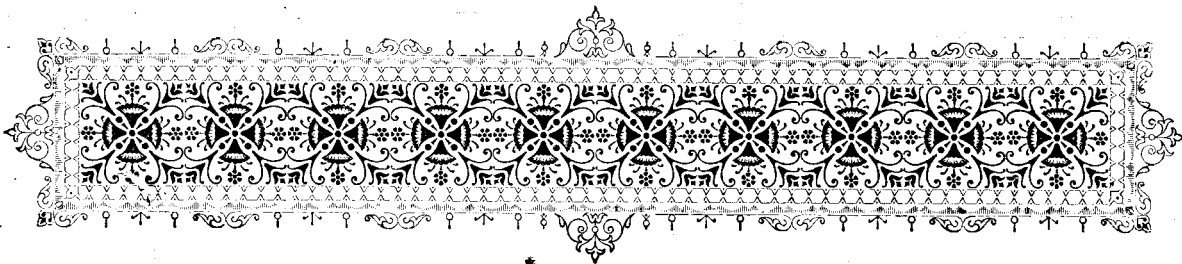
---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



## Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmiento <sup>1</sup>



SNR. Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmiento foi proclamado socio honorario da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO em assembléa geral de 29 de janeiro de 1882.

\*

Nasceu em Guimarães a 9 de março de 1833. Seus paes Francisco Joaquim Gouvêa de Moraes Sarmiento e D. Joaquina Rosa d'Araujo Martins podiam, se confiassem tudo da sua abastada fortuna, esquecer a educação litteraria do filho: mas a sua distincção e nobreza de sentimentos fizeram-lhes vêr que seria um erro deixal-o n'aquella proverbial ignorancia, que tornou quasi legendarios os morgados de provincia, e que mais que a riqueza valeria a distincção das letras.

Tinha o snr. Sarmiento oito annos quando entrou na escôla primaria e aos quinze concluiu os preparatorios, matriculando-se logo depois na faculdade de direito da Universidade de Coimbra, onde terminou a sua formatura em 1853, aos vinte annos de idade.

O enfado d'esse curso que, estreitando a intelligencia do alumno no circulo apertado d'uns compendios officiaes, lhe não deixava vêr os largos horisontes da sciencia, não teve n'elle a influencia destruidora, que faz de tantos outros uma desastrosa inutilidade: a sua forte organisação intellectual e a sua viva imaginação resistiram ao perigo. Importou-se pouco do ensino offi-

<sup>1</sup> Da REVISTA DE GUIMARÃES n.º 1 — Janeiro de 1884.

cial, o bastante apenas para satisfazer ás exigencias do curso. Na leitura de bons livros fortaleceu a intelligencia, e deixou a imaginação correr a par dos affectos da alma; de fórma que ao sahir de Coimbra não era perfeitamente um bacharel, mas um poeta.

\*

N'essa época estava á moda em Portugal a litteratura romantica, que espalhava por toda a parte os seus reflexos apaixonados. Eram romanticos todos os nossos poetas e escriptores, desde o primeiro ao ultimo por toda a hierarchia litteraria. Do sentimentalismo exagerado d'esta escola irradiavam essas vivas e fortes commoções, que ora embalavam a alma no sôpro tepido da melancolia, ora a envolviam n'uma tempestade revolta de descrenças e maldições.

O snr. Sarmiento, vivendo n'esta atmosphaera litteraria, moço e apaixonado, — para os doentes do coração tinha o romanticismo uma attracção irresistivel, não podia evitar a influencia do ar que respirava: os vãos da sua imaginação levaram-no fatalmente para esse lado e em 1855 publicava um volume de versos intitulado *Poesias*, tendo já anteriormente apparecido no *Bardo* e na *Miscellanea* alguns versos seus.

A feição das *Poesias* é essencialmente romantica. Cantam com uma forte paixão os pezares da alma: a attitude a da época, — os cabellos esparsos ao vento, as mãos crispadas pela desesperança. Mas não é um canto de mera imitação ou de phantasia especulativa: conhece-se através d'esses versos ardentes e, por vezes, ironicos a historia da alma do poeta n'aquella época da vida.

A fórma, essa é aqui ou alli um tanto incorrecta, como devêra acontecer n'uma obra dos vinte e tres annos, se bem que não falem versos torneados e cadentes. Mas se ha na fórma ligeiras incorrecções, ha no fundo um estro vigoroso, uma elevação tal de pensamento que distingue o auctor da vulgaridade dos poetas sem alma, e que denuncia emfim um robusto talento.

A publicação d'este livro deu logar a um incidente, que magoou o auctor e põe em relevo a feição pundonorosa do seu character.

Um patricio do snr. Sarmiento e sua frequente visita, a quem offerecera um exemplar do seu livro, publicou, em seguida á obsequiosa offerta, n'um periodico de Valença e sob um pseudonymo, aliás conhecido, umas impertinentes graçolas a respeito dos versos. O auctor, tomado de espanto, escreveu-lhe e na carta estranhava a patifaria, exigindo que desfizesse a má impressão produzida em alguns leitores pela sua atrevida chocarrice. A resposta pela imprensa foi, — que sim, que retirava as suas apreciações, porque *elle era pobre e o auctor era rico*, etc. A esta deslealdade affrontosa respondeu o auctor como em taes casos é de justiça: bateu-lhe publicamente.

A correcção assanhou o critico e, em desforra, dirigiu-se ao jornalismo, clamando que o auctor atacára a liberdade da imprensa, da critica e de mais não sabemos quantas liberdades: e o facto é que o jornalismo, santamente indignado, reproduziu o clamor. Um dos jornaes chegou mesmo a equiparar o auctor das *Poesias* ao assassino do redactor do *Setubalense*, esfaqueado lá por causa de certa questão!

O snr. Sarmiento teve nojo de tudo isto, e ficou profundamente abalado na sua fé sobre a

missão da imprensa e da critica. Retirou então da circulação quasi todos os exemplares da sua obra (para o que talvez concorressem outros motivos intimos) e lavrou protesto de não querer mais nada com os typos.

Mas que?! Apareceram-lhe, como costuma dizer aos seus amigos, dois diabos, qual d'elles peor, — o Sêcco e a archeologia, e lá se quebrou o protesto. Voltou á imprensa; mas agora empunhando, em vez da tiorba do poeta, a penna do jornalista e do archeologo.

\*

E' forçoso dizer que já antes d'isto o snr. Sarmiento havia quebrado aquelle protesto.

Em fins de 1856 publicava o *Vimaranense* uns folhetins intitulados *Tres dias em Guimarães*. O snr. Sarmiento não os subscreveu; mas, sabe-se, eram obra sua. O assumpto é — um viajante passa aqui tres dias, corre a cidade inteira, guiado por um cicerone boçal, e vai notando todos os ridiculos da terra, o estado dos seus monumentos e do espirito publico.

Traçados ao correr da penna, são muito descuidados na fôrma; no dialogo sobretudo a que falta elegancia; mas d'uma critica fina e mordaz. Ha n'elles o sentir do patriota desejoso de vêr a sua terra adiantada em civilisação: é que o snr. Sarmiento não escreve sem que o agite um pensamento elevado e generoso.

Não parou aqui o folhetinista.

Em maio de 1859 teve o *Vimaranense* uma resurreição e, ao que parece, foi ainda d'esta vez o snr. Sarmiento quem lhe soprou a vida, prestando á nova empreza o prelo e materiaes da officina, que eram seus, e para coadjuvar a redacção escreveu uma serie de folhetins.

A satyra é n'este genero de litteratura a sua arma de predilecção: toma-a com valentia e investe contra todos os ridiculos, contra o mau gosto, contra tudo que lhe parece mau.

Nos folhetins sobre o theatro, *Ziques-zagues* e *Um punhado de verdades*, desfaz á ponta de epigramma a opinião de certa gente d'aquelle tempo, que tinha em horror o theatro por ser *a casa do diabo*. Ralha ao publico, que applaude o que devia reprovar; e indigna-o o bocejo de certos espectadores nos pontos mais delicados do espectáculo.

As mulheres deram assumpto á maior parte dos folhetins. Revive n'elles a alma do poeta. Idealisa-se a mulher e o seu ideal é, — que ella se eleve a um amor puro pela energia das aspirações sentimentaes, reagindo contra tudo que possa manchar a sua candura e a sua nobreza. Ainda o romanticismo.

Era de vêr que esta delicadeza de sentimentos lhe devia ser origem de muita desillusão; e foi-o ao que parece das suas satyras.

Condemna o adulterio como degradação vilissima e a este proposito escreve um conto em dois folhetins, *Elle e Ella*, em que dá á mulher, uma *coquette* de provincia, a parte principal do crime. Responde-lhe *Justa* n'um *Conto contra conto* em que se vê a medalha pelo reverso; é então o homem o diabo tentador. Depois de tudo isto uma discussão physiologica sobre a natureza da mulher.

Ha uma grande vida e muita luz em todas estas paginas moldadas com arte ao geito da litteratura franceza, de que o snr. Sarmiento é um perfeito conhecedor. Mas, é forçoso dizel-o, a phrase, ainda que correcta e vernacula, não tem a flexibilidade, a ligeireza encantadora do ver-

dadeiro folhetim, que passa de leve tocando delicadamente em tudo quanto encontra sem produzir uma tempestade.

Estava contrafeito n'este genero de litteratura. A sua organisação pede a violencia d'um combate, em que se ataque o assumpto por todos os lados, varrendo as objecções e derrubando os argumentos do adversario.

Desde 1860 não o tornámos a vêr no folhetim.

\*

Veio depois a questão de caçadores 7. É interessante.

Certo lavrador dos arredores da cidade estropeou um soldado, castigando aggravos que elle provocára. Soube d'isto o coronel e pediu tragicamente *as tripas do lavrador*. A esta voz desencadeou-se o furor da soldadesca que, não encontrando o pobre homem, lhe destruiu quanto tinha em casa, fazendo em seguida, de dia, uma entrada triumphal na cidade, batendo e ameaçando. Pouco depois uma pequena rixa provocou nova desordem, e os sargentos sahiam em rondas nocturnas a desancar quantos paizanos encontravam na rua.

Tomou-se de terror toda a gente e só uma voz se levantou a protestar, a do snr. Sarmento, que verberou na imprensa a ineptia do commandante e a ferocidade da sua tropa. Ameaçado, respondeu á ameaça sahindo, contra os seus habitos, a passear no terreiro mais concorrido da cidade. Os pacificos cidadãos espreitavam por detraz das portas o desenlace do repto: um unico homem, o snr. Lourenço Leite de Castro, se lhe foi pôr ao lado, como quem desejava compartilhar da lucta, travada, não por uma questão pessoal, mas em desaffronta dos brios offendidos da sua terra.

A soldadesca passou de largo.

Desde 1863 em diante publicou o *Vimaranense* muitos artigos de polemica da lavra do snr. Sarmento, taes como: *As biblias protestantes*, discussão com a *Religião e Patria*; *A Santa Inquisição* e *Os frades*, discussão com a *Sentinella*; *Á Religião e Patria* e *Ao Argus*, discussão sobre os frades; *Delenda Cartago*, discussão com o cabido d'esta cidade sobre a remoção da oliveira; *Vejam e meditem*, sobre os milagres da agua de Lourdes; *O protesto do snr. Padre Casimiro*, a proposito das declarações d'este celebre miguelista; *O snr. Padre Lourenço e os cemiterios*, discussão sobre os cemiterios.

Annos depois publicou a *Religião e Patria* outros, como: *Caldas de Vixella*, defendendo a camara e a empreza vimaranense; e uma serie de brilhantes artigos sobre uma pendencia com os redactores do *Imparcial*.

São um modelo do genero. O snr. Sarmento está ahi perfeitamente á sua vontade. Toma as questões com firmeza, agita-as habilmente em todos os sentidos, e ao passo que discute deixa-nos vêr, sem pretenções immodestas, os seus vastos conhecimentos definindo perfeitamente as suas idéas e convicções d'um liberalismo illustrado e ao par do movimento social da sua época.

Nunca perde o sangue frio em frente do adversario, apara-lhe os golpes e fere-o depois com a firmeza d'um bom esgrimidor, e sem sahir da linha de combate. É grave e sério quando o assumpto o é tambem; cheio de graça e de *verve* quando apanha o ridiculo da questão.

Um distincto polemista.

\*

A questão «Sécco» appareceu em 1872: uma lucta esforçada e vigorosa contra o despotismo insolente e a iniqua administração d'um juiz, que fazia leis da sua vontade e do seu capricho.

O juiz atropellava a justiça, recebia emolumentos indevidos e não cumpria a decisão d'um tribunal superior a mandal-os restituir; negava os recursos dos seus despachos; insultava e suspendia os advogados, mandando riscar nos seus escriptos forenses o que lhe parecia offensivo: emfim, uma desordem na administração da justiça.

O snr. Sarmiento preoccupava-se muito com isto: affligiam-no os excessos e a altivez do tyrannete, e a posição melindrosa dos dois advogados seus amigos, que tinham feito rosto aos atrevimentos do juiz, defendendo energicamente o direito dos seus constituintes.

Um dia o snr. dr. Rodrigo de Menezes mostrou-lhe, como curiosidade, o processo instaurado pelo juiz contra o advogado Avelino da Silva Guimarães: depois da leitura das primeiras paginas arremessou-o contra as paredes do seu gabinete, e ergueu-se, como se ergue um homem ferido pela lamina aguda d'uma affronta.

Estava decidido a luctar. O amor da justiça, uma das feições mais salientes do seu caracter, tinha sido tocado pela tyrannia da auctoridade: não era preciso mais para o transformar n'um luctador.

Eram graves as difficuldades da jornada. Tinha o juiz pelo seu lado o favor das secretarias do Estado, nos tribunaes superiores o espirito de classe e no publico o medo. Era preciso fazer face a tudo isto. Nada porém acobardou o snr. Sarmiento, antes os previstos obstaculos serviram apenas a estimular-lhe o animo.

Reuniu em volta de si cinco amigos, fundou um jornal — *A Justiça de Guimarães* —, de que foi o principal collaborador durante os quatro mezes da sua publicação.

O juiz sahiu-se, em defeza, com um folheto, e o snr. Sarmiento, á frente dos redactores da *Justiça de Guimarães*, respondeu-lhe com um livro — *Os redactores da Justiça de Guimarães e o juiz de direito F. H. de S. S.*

Jornal e livro foram impressos exclusivamente a expensas suas e distribuidos gratuitamente em todo o paiz.

A causa venceu-se.

Os artigos de sua lavra n'essas duas publicações distinguem-se dos outros pela viveza da idéa, e pelos traços firmes d'um estylo de combate. A crença na justiça da causa que perfilhou, a dedicação pelos amigos, dão-lhe uma bella energia. É um gosto vêr como a idéa lhe sahe luminosa, como os periodos se ageitam formando um circulo, que se vai apertando mais e mais até esmagar o adversario; umas vezes pela força do syllogismo que o faz emmudecer, outras pela ironia que o fere no coração. Mas, diga-se tudo, dotado d'uma verdadeira delicadeza de sentimentos, nunca fere o adversario na sua vida intima.

Os seus trabalhos n'esta contenda bastariam a fazer-lhe uma justa reputação de jornalista distinctissimo e a exaltar o seu character.

A transferencia do juiz terminou a contenda e não sabemos se no publico, indifferente a

tudo, resta memoria d'ella ; sabemos apenas que no coração de alguns, que se acharam na refrega ao lado do snr. Sarmiento, vive ainda uma recordação.

\*

Este incidente veio desviar por um pouco o snr. Sarmiento dos seus estudos, mas logo voltou a elles com a persistencia propria da sua organisação.

Deu-se ao estudo das linguas: conhece a allemã, ingleza, franceza, italiana, hespanhola e perfeitamente o latim.

Fallando dos seus estudos convém dizer: o romanticismo não satisfez completamente a curiosidade do seu espirito: ao lado da imaginação estava a intelligencia e esta queria alimento mais nutritivo. Mas por falta d'uma orientação bem dirigida nos seus primeiros annos, vacillante e indeciso, vagueou percorrendo em leituras successivas muitos ramos dos conhecimentos humanos. Esta indecisão — a de muitos homens cultos d'aquella época, fez-lhe perder um tempo precioso em leituras, senão inuteis, pouco proveitosas.

Emfim a historia prendeu-o mais vivamente, e dos historiadores mereciam-lhe especial attenção os que tratavam de coisas portuguezas, ou que mencionavam factos relacionados com ellas.

A sua imaginação, alguma coisa ainda do poeta, levava-o para as épocas mais afastadas, envoltas no espesso nevoeiro do passado. Surgiu então o archeologo, votado á exploração e ao estudo dos monumentos antigos, querendo lêr nos vestigios ahi encontrados a origem das gerações remotas.

Tinha subido muitas vezes o monte de S. Romão, fronteiro ao antigo solar da sua familia paterna, e ficava sempre enredado em mil cogitações sobre as ruinas d'essa cidade morta — a *Citania*.

Resolveu-se um dia, e em 10 de julho de 1874 deu principio aos trabalhos d'uma exploração methodica e scientifica. Descobriu as ruas ladeadas de edificações, recompoz algumas d'estas, pôz á vista as vias e as calçadas, as muralhas e os fossos d'essa cidade fortificada: colligiu as pedras de fórmula ou lavor mais ou menos significativos, as inscrições, as moedas, os fragmentos ceramicos e muitos outros objectos encontrados no entulho. Fez transportar ao alto do monte a celebre *pedra formosa* que d'alli tinha ido para o adro da igreja de Santo Estevão de Briteiros e sobre a qual tanto se tem discutido. Coordenou methodicamente todos esses valiosos elementos de modo a poder-se lêr n'elles alguma coisa do passado.

Foi assim que o snr. Sarmiento iniciou investigações methodicas sobre a archeologia de Entre Douro e Minho, que logo proseguiu, explorando em 1877 as ruinas de Sabroso, monte fronteiro á *Citania*.

Comparando a architectura das duas estações, os seus ornamentos, gravuras e signaes symbolicos, achou n'ellas as feições caracteristicas da mesma época: mas notou que em Sabroso não houve vestigios de influencia romana, emquanto eram mais que manifestos na *Citania*. D'isto, de um sem numero de pequenas, mas muito engenhosas observações e dos seus conhecimentos ethnographicos e mythologicos, concluiu que vivera alli uma civilisação pre-romana.

O incansavel explorador quiz generalisar a conclusão a todo este lado do paiz, e para isso

era-lhe necessario examinar as ruinas dispersas no Minho que, no seu parecer, encerra um thesouro archeologico.

Para qualquer outro seria isto uma fadiga, para o snr. Sarmiento foi um prazer: percorreu em épocas successivas toda a faixa que se abeira do littoral desde o rio Minho até ao Leça, encontrando por toda a parte dolmens e ruinas de construcções iguaes á de Sabroso e da Citania.

Confirmou assim a sua opinião que, no fim de contas, era apenas um ponto de partida; pois convinha agora saber que povos constituíram essa civilização pre-romana.

Seria um mundo celtico ou pre-celtico?

Eis o alto problema pre-historico que o snr. Sarmiento se tem proposto a resolver, procurando-lhe uma nova solução com o auxilio das suas investigações archeologicas.

Até hoje passavam como pontos assentes a invasão e influencia celticas em toda a Iberia; mas o snr. Sarmiento acha n'isso um erro, e mostra que ellas se não fizeram sentir n'este canto da peninsula; que não chegou cá essa irrupção de barbaros, que se annunciavam com um cortejo de guerras e devastações, pondo em fugida, ou aniquilando os povos que encontravam.

Mostra que essa civilização pre-romana, denunciada pelas ruinas das cidades mortas, era tambem pre-celtica, formada pelas primeiras migrações arianas que, muito antes dos celtas, se tinham estabelecido aqui, como em todo o occidente da Europa.

Cheio de crença nos seus estudos, e com o coração a palpitar de patriotismo chega a esta conclusão: — «os lusitanos, ao contrario do que geralmente se pensa, teem, graças á sua posição geographica, uma das mais puras arvores genealogicas dos povos antigos».

É admiravel a erudição e o rigor de critica com que o snr. Sarmiento nas suas duas publicações mais importantes — *Os Lusitanos* e *Ora maritima, estudo do poema d'Avieno na parte relativa á Galliza e Portugal*, desenvolve aquella sua opinião.

Póde avaliar-se das difficuldades que venceu, considerando que no *Ora maritima* teve de fazer restituções ao antigo roteiro phenicio, base do poema d'Avieno, e de mostrar, contra a opinião d'alguns, não ser elle *um acervo d'enigmas burlescos, mas um documento ethno-geographico do mais alto valor*.

*Os Lusitanos*, esses constituem uma formosa publicação; formosa pelo seu valor scientifico, pelo estylo d'uma lucidez, que põe em relevo o pensamento, e pela deducção logica das idéas que nos prende o espirito da primeira á ultima linha. Traduzidos já em francez devem fazer parte do Relatorio do congresso anthropologico de Lisboa.

\*

Escreveu mais o snr. Sarmiento outro opusculo *Observações á Citania do snr. dr. Emilio Hübnér*, no qual aponta e emenda as inexactidões que sobre as coisas da Citania escrevera o douto archeologo de Berlim, enganado por falsos materiaes, — noticias colhidas no jornalismo portuguez e n'um jornal madrileno. O douto archeologo escreveu ao snr. Sarmiento dando-se por convencido e, em seguida, escreveu um opusculo mais augmentado e, d'esta vez, correcto. O primeiro tinha sido traduzido pelo snr. Joaquim de Vasconcellos.

No periodico do Instituto de Coimbra, de que foi nomeado socio correspondente, escreveu o snr. Sarmiento — *Os gregos no noroeste da Iberia*; e depois, a pedido, diversos artigos em varios

\*



jornaes, como: — *Museu Illustrado* (Porto), *Renascença* (Porto), *Pantheon* (Porto), *Revista Scientifica* (Porto), *Vida Moderna* (Porto), *Occidente* (Lisboa), *Pero Gallego* (Vianna do Castello), *Tirocinio* (Barcellos), *Panorama Illustrado* (Coimbra), *Arte Portugueza* (Porto).

Escreveu, emfim, o *Relatorio da secção archeologica* da expedição scientifica á Serra da Estrella, publicado pela sociedade de geographia, mas ainda não distribuido.

\*

A exploração das ruínas da Citania foi um acontecimento archeologico muito notavel, vista a sua valiosa importancia para a solução d'altos problemas pre-historicos.

Deu o jornalismo rebate d'elle e, em 1876, o snr. marquez de Sousa Holstein noticiava-o perante a Academia real das sciencias de Lisboa, n'um discurso que então proferira, mostrando a importancia das ruínas, que já tinha visitado.

Por esse tempo o erudito e distinctissimo professor do lyceu de Braga, o snr. dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, visitou as ruínas exploradas em companhia dos snrs. Joaquim Possidonio e Narciso da Silva, e mais tarde dos snrs. Luciano Cordeiro e Gabriel Pereira, e de tal importancia lhes pareceram que o snr. Pereira Caldas se aventurou a indicar ao seu amigo, o snr. Sarmiento, a conveniencia de fazer d'ellas assumpto d'uma conferencia pelos mais distinctos archeologos do paiz.

A lembrança do erudito professor foi adiante e, em 10 de junho, chegaram os conferentes ás Caldas das Taypas, onde os esperava o snr. Sarmiento e a commissão que, representando a cidade de Guimarães, ia convidal-os para um baile.

Seguiram d'ahi em direcção á Citania. Examinaram attentosamente as ruínas e ficaram enleados no vivo interesse, que despertam os restos d'uma cidade, cuja origem se occulta na escuridão dos tempos.

Não lhes era de certo facil, no curto espaço de poucas horas, criticar os vestigios que alli deixaram as velhas gerações, e formar uma opinião concisa e clara de tão importante descoberta. Ainda assim muito discretearam os conferentes e, mais tarde, appareceram espalhadas em todo o jornalismo do paiz descripções mais ou menos exactas, que provocaram um verdadeiro debate. Seria longo mencionar quanto se disse e escreveu.

Servido o *lunch*, que o snr. Sarmiento offereceu nas Taypas aos conferentes, dirigiram-se para aqui, onde na noite d'esse mesmo dia, assistiram ao baile offerecido pela cidade.

Foi na casa do snr. Sarmiento: uma festa de gala tão animada e tão brilhante como convinha aos brios tradicionaes d'esta velha fidalga e ao merecimento dos convidados.

Os conferentes enviaram ao snr. Sarmiento uma mensagem escripta aqui mesmo, em que lhe significam o vivo sentimento de estima e, ao mesmo tempo, de consideração pelos seus dotes intellectuaes e nobres qualidades. É assignada pelos snrs. Marquez de Sousa Holstein, Dr. Augusto Filippe Simões, José Joaquim da Silva Pereira Caldas, Augusto Carlos Teixeira d'Aragão, Joaquim Filippe Nery Delgado, Luciano Cordeiro, Visconde da Torre das Donas, Dr. Antonio d'Assis Teixeira de Magalhães, José Alfredo da Camara Leme, Augusto Soromenho, Gervasio Lobato, Manoel Maria Rodrigues, Apolino da Costa Reis e Magalhães Lima.

\*

Esta visita foi seguida d'outra.

Em 20 de setembro de 1880 reunira-se em Lisboa o congresso anthropologico.

Muitos dos congressistas, tendo conhecimento das ruínas da Citania, desejavam verificar o seu alto valor, e o snr. Sarmiento desejava tambem ouvir a sua opinião auctorizada. E, como era do programma do congresso visitar a Citania e Sabroso, vieram os seguintes snrs.: Andrade Corvo, capitão Adersen, Emilio Alglave, Capellini, Adolpho Ceuleneer, Emilio Cartailhac, Delgado, Estacio da Veiga, Gonçalves Vianna, Emilio Guimet, Girard, Henri Martin, Harrisson, Langerhans, Julio Laurière, Dr. Magitot, Henrique Nodet, Olin, Pawinski, Pouchet, Joaquim de Vasconcellos, D. João Villa Nova, Wirchow, Ricardo Wittnich, Wurd Bauclerk, Condessa Beausacq.

Chegaram a Briteiros na manhã do 1.º d'outubro, sendo recebidos pelo snr. Sarmiento, camara de Guimarães, administrador do concelho e outras pessoas.

Houve uma festa: musicas, foguetes, bandeiras, arcos de murta e flôres. Subiram o monte de S. Romão, passando por entre duas alas de bellas e fortés camponezas, que os cobriram de flôres e que o snr. Sarmiento alli tinha disposto muito de proposito como quem queria mostrar aos sabios as filhas, talvez, da nobre familia que n'outras éras alli vivera e os trajes da localidade. Não passou isto desaperecebido ao olhar penetrante do illustre Wirchow, que pediu ás camponezas uns fios das suas madeixas. Não era um simples galanteio, — que um sabio não sabe d'isso, mas um elemento d'estudo, pois é bem sabido que a côr e as diversas fórmas do cabello servem a definir a raça. Satisfez-se a custo o pedido; a custo pelo receio dos feitiços.

Havia o snr. Sarmiento cuidadosamente demarcado o mais notavel das ruínas, e disposto em grupos methodicos os objectos alli encontrados e em Sabroso. Tudo examinaram com viva curiosidade os congressistas.

Estes homens, vindos de paizes tão diversos e tão longinquos, tendo visto antes tanta ruína, tantos monumentos de grande importancia archeologica, ficaram *frappés*, como, por vezes, exclamou H. Martin.

Não temos que acrescentar a esta palavra, senão o modo como exprimiram a sua admiração n'um valioso manuscripto, que deixaram em poder do snr. Sarmiento.

É assim o documento:

«Les membres du congrès international d'archéologie et d'anthropologie pre-historique de Lisbonne de 1880 réunis le premier octobre 1880 ont visité avec le plus grand intérêt les ruines découvertes et étudiées par Mr. Sarmiento et expriment à la fois leur satisfaction et leur admiration pour les travaux qu'il a accomplis.

*João d'Andrade Corvo.»*

«Je pars d'ici étonné, ébloui de ce qui j'ai vu; qu'est-ce que cette cité inconnue qui se révèle tout-à-coup à nous au sommet de ces montagnes? Occupée par les Romains à une époque relativement moderne, elle l'a été longtemps par les Celtes comme l'indique une ceramique toute analogue à celle de Gaule et des Iles Britanniques: mais qu'y avait-il avant les Celtes? Ils ne sont pas ici les fondateurs? Cette grande pierre sculptée et toutes ces autres sculptures si extraordinaires, à qui sont-elles? Les Pelasges sont-ils les premiers

fondateurs de Citania? Il semble qu'il y a ici de cela bien des indices, et dans ces sculptures tout orientales, et dans une partie au moins des appareils. Il y a ici un des plus intéressantes problèmes de l'archéologie européenne.

*H. Martin.*»

«Juan Villanova y Piera, Delegado d'el gobierno español, felicita cordialmente al sr. Sarmiento por sus felices hallagos.»

«Rudolf Virchow, professeur à Berlin, Allemagne, félicite Mr. Sarmiento dans cette ancienne région de ses compatriotes, les Suèves, de ses belles découvertes.»

«Je voudrais passer ici du moins une semaine.

*Emile Cartailhac.*»

«Je partage entièrement les sentiments exprimés par nos collègues.

*Magiot.*»

«Le Musée Guimet de Lyon salue avec enthousiasme le Musée Martins de Sarmiento à Citania. G. Pouchet remercie également Mr. Sarmiento.

*Dr. Langerhans, de Berlin.*  
*Professeur Alfred Girard, de Lille.*»

«Aniceto dos Reis Gonçalves. — J'admire le talent et la persévérance de Mr. Martins Sarmiento, je le félicite des résultats et je le remercie par son hospitalité.»

«Attiré par l'importance des découvertes à Citania, je viens d'un pays bien éloigné d'ici, pour admirer et étudier ces monuments du passé.

*Adolphe Pawinski, professeur à l'Université à Varsovie.*»

«ÆMULE, SIQUI POTES, NOSTROS IMITARE LABORES. Inscription trouvée en Algérie sur les ruines d'une ville inconnue, et qui semble faite pour les travaux si remarquables de Mr. Sarmiento.

*J. de Laurière.*»

«Charles Harrison. Membre de la Société des antiquaires.»

«Amelius Francis Ward Baucelrk. — We have to thank Mr. Sarmiento for his hospitality. From his scientific excavations, he has shown us especimens of late Phœnicien work, imported probably trough Oporto, and especimens of late Roman civilisation as also of the early prehistoric period.»

«Un nouvel examen des pierres à inscriptions me fait ajouter un mot: j'exprimais l'hypothèse d'une origine pelasgique et pre-celtique: les sculptures ornamentales dont le caractère me frappait se retrouve sur des pierres qui portent des inscriptions en caractères latins, où le nom du dieu gaulois Camal se trouve répété; ces combinaisons symboliques étaient donc encore en usage chez les populations du nord-ouest de l'Ibérie à l'époque romaine et ne démontreraient pas l'origine pre-celtique; que de questions! mais rien ne peut diminuer l'immense intérêt de Citania.

*H. Martin.*»

«Leonce de Quatrefages, Ingénieur civil.

«Dr. Adolph de Ceuleneer, Liège.

«Henri Nodel, architecte.

«Em. Alglave, professeur à la faculté de droit de Paris.

«N. Olin, professeur à l'Université de Bruxelles.»

«Quoique non initié dans ces études, qu'il me soit permis de joindre mes chaleureuses félicitations et sincères remerciements à Mr. Francisco de Moraes Sarmiento.

*Joaquim Philippe Nery Delgado.*

*Ricardo H. Wittnich.*

*Sebastião Philippe Martins Estacio da Veiga.*

*Joaquim de Vasconcellos.»*

Terminou esta importante visita por um *lunch* volante, offerecido pelo snr. Sarmiento aos congressistas no proprio local das ruínas.

\*

Fallaram ácerca da Citania depois da sua visita:

Henri Martin nas correspondencias para o *Siècle* e na *Revue Archéologique*, discutindo a origem da ornamentação em pedra, encontrada em Sabroso e na Citania e dando-a como post-romana e germanica, de accordo com A. Bertrand, redactor da Revista. O snr. Sarmiento replicou por carta, acompanhando-a da outra que havia recebido do dr. Hübner. O snr. H. Martin, por carta tambem, deu-se por convencido, acceitando a opinião do snr. Sarmiento de que tal ornamentação era pre-romana e não post-romana. A *Revue Archéologique*, porém, não respondeu. O snr. Sarmiento resumiu toda a questão na — *Arte Portuguesa* — em um artigo intitulado — *Se antes da conquista romana houve uma arte entre nós*.

Cartailhac no Relatorio ao ministro respectivo sobre os trabalhos do congresso anthropologico de Lisboa; foi publicado avulso e reproduzido no periodico do mesmo Cartailhac *Matériaux pour l'étude de l'histoire de l'homme*.

Wirchow no Relatorio á Sociedade anthropologica de Berlim.

Ceuleneer, belga, no Relatorio ao governo.

Em alguns jornaes francezes e em muitos portuguezes appareceram correspondencias de varios excursionistas; mas fallece-nos o espaço para os mencionarmos todos.

Já antes tinha escripto sobre a Citania, em inglez, Oswald Crawford, — sendo a parte relativa á Citania e Guimarães traduzida pelo snr. Alberto Sampaio e publicada na *Religião e Patria*.

\*

O snr. Sarmiento tem os seguintes diplomas honorificos:

Medalha de bronze, concedida pela Real Associação dos Architectos e Archeologos Portu-

guezes, pelos serviços prestados na restauração da igreja de S. Miguel do Castello, em 14 de junho de 1876. Esta igreja, d'um alto valor historico e architectonico, foi restaurada por iniciativa sua e debaixo da sua intelligente direcção.

Portaria de louvor do governo pelas explorações da Citania, em 15 de setembro de 1876.

Officio da camara de Guimarães com extracto da acta da sessão, pelas explorações da Citania, em 15 de novembro de 1876.

Officio da camara de Vianna, com a acta da sessão extraordinaria, agradecendo a consideração com que tinham sido recebidos José Alfredo da Camara Leme e Visconde da Torre das Donas, que como delegados d'aquella cidade examinaram as ruinas da Citania no dia da primeira conferencia archeologica, datado de 14 de junho de 1877.

Socio effectivo da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, em 14 de maio de 1877.

Socio honorario do Instituto de Coimbra, em 30 de junho de 1877.

Socio correspondente da Academia Real das Sciencias, em 4 de abril de 1878.

Socio correspondente do Instituto Archeologico de Berlim, em 21 de abril de 1879.

Socio honorario da Sociedade Democratica Recreativa, de Braga, em 31 de dezembro de 1879.

Medalha de prata, conferida pela Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes em attenção ás explorações archeologicas, em 25 de maio de 1879.

Em 10 de dezembro de 1876 foi nomeado socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa e, em maio de 1883, foi-lhe conferido o diploma de socio ordinario.

Depois da visita dos archeologos estrangeiros á Citania foi nomeado pelo governo francez *Cavalleiro da Legião de Honra*.

Em 29 de janeiro de 1882 foi proclamado socio honorario da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO.

Foi esta Sociedade organizada para prestar homenagem ás suas elevadas qualidades, promovendo a instrucção da classe trabalhadora n'uma terra rica pelas suas tradicionaes industrias, mas inteiramente carecida de instituições de ensino. O nome d'um trabalhador incansavel e respeitado é o estimulo mais effizaz para o bom resultado da empreza de dar luz aos que precisam de vêr para trabalhar.

Além dos diplomas mencionados foi-lhe concedido o Habito de S. Thiago, mas não o accceitou. Quando os seus amigos lhe perguntam a razão da recusa, responde: — Como quieriam que eu accceitasse, se já não cabia no cofre dos meus diplomas?

O motivo foi outro; mas não trahiremos a sua discrição. A recusa foi maior honra que o diploma.

\*

O snr. Sarmiento casou em 5 de fevereiro de 1876 com a exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Maria da Madre de Deus Freitas Aguiar, senhora de virtudes exemplares e filha d'uma familia nobre d'esta terra.

Estando na cidade vive quasi sempre no seu gabinete: raras vezes frequenta os passeios, mas é conhecido de toda a gente. Quando, no dia 9 de março de 1882, um grupo de amadores solemnizou o seu anniversario natalicio com uma representação theatral em beneficio da Sociedade, que tem por timbre o seu nome, o publico saudou-o calorosamente e fez-lhe uma tão es-

pontanea e calorosa manifestação de sympathia e respeito, como se não tinha ainda visto n'esta cidade.

Estando no campo ou á beira-mar passeia sempre.

Nos seus tempos romanticos era caçador de perdizes; gostava de subir á cumiada dos montes e contemplar os largos panoramas, ou abeirar-se dos grandes despenhadeiros. Alto, magro, de cabellos pretos, ficava-lhe bem o traje de caça; mas era mau atirador. O espirito sempre enleiado em sonhos de phantasia, sempre perdido em vagas contemplações, não lhe deixava livre a rapidez de movimentos para apontar a caça com precisão.

Deixou-se d'isso: agora prefere a mansidão dos regatos, onde pesca trutas com notavel felicidade; é um amador eximio da pesca á linha.

Quando a gente o vai procurar fica preso na affabilidade das suas maneiras e no interesse d'uma variada conversação: e d'este modo soffre o sur. Sarmiento de quando em quando a sua massada.

Ainda no vigor da idade e acceso no vivo interesse dos estudos archeologicos, possuindo um fundo de conhecimentos que de dia a dia se vai enriquecendo, é de crêr que nos dê valiosas produções sobre os problemas que o preoccupam.

\*

Deixámos assim esboçado apenas o perfil do nosso primeiro socio honorario.

*José Sampaio.*

